

POR UMA POÉTICA DA ANIMALIDADE: O MAL-ESTAR TECIDO NA MISTERIOSA TEIA DE CHARLOTTE, DE E. B. WHITE

FOR A POETICS OF ANIMALITY: THE MALAISE WOVEN IN THE MYSTERIOUS WEB
OF CHARLOTTE, BY E. B. WHITE

Eliémily da Silva Felizardoⁱ

 <https://orcid.org/0009-0009-4405-2404>

Hermano de França Rodriguesⁱⁱ

 <https://orcid.org/0000-0003-1249-2543>

Resumo: Desde que o homem iniciou a tradição da contação de histórias, os animais têm ocupado um lugar emblemático na literatura, o que pode ser observado em clássicos contos de fadas, a exemplo de “O Príncipe Sapo”, dos irmãos Jacob e Wilhelm Grimm; “O Gato de Botas”, de Charles Perrault; e “O Patinho Feio”, de Hans Christian Andersen. Diante disso, este trabalho dedicará-se a apresentar uma perspectiva da animalidade na obra *A Teia de Charlotte* (1952), de E. B. White. Considerada um clássico da literatura infantil, essa narrativa traz à tona temáticas como a importância da vida animal para os seres humanos, a linguagem dos animais e as relações naturais entre os diferentes seres vivos. O ensejo será explorar a poética dos animais ao longo da diegese e a relação humano-animal, com base nas reflexões desenvolvidas pelo psicanalista vienense Sigmund Freud, no texto *O Mal-estar na Civilização* (1930), e teóricos complementares.

Palavras-chave: animalidade; poética; psicanálise.

Abstract: Since humankind began the tradition of storytelling, animals have occupied an emblematic place in literature, as can be observed in classic fairy tales such as "The Frog Prince" by Jacob and Wilhelm Grimm; "Puss in Boots" by Charles Perrault; and "The Ugly Duckling" by Hans Christian Andersen. In front of this, this work will present a perspective on animality in the novel *Charlotte's Web* (1952) by E. B. White. Considered a classic of children's literature, this narrative enlightens themes such as the importance of animal life for human beings, animal language, and the natural relationships between different living beings. The aim will be to explore the poetics of animals throughout the narrative and the human-animal relationship, based on reflections developed by the Viennese psychoanalyst Sigmund Freud in his text *Civilization and Its Discontents* (1930), and complementary theorists.

Keywords: animality; poetic; psychoanalysis.

DOI: 10.22478/ufpb.2764-4251.2026.n1.78658

Recebido em: 29/04/2026

Aprovado em: 14/07/2026

ⁱ Graduanda em Letras - Língua Portuguesa, pela Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/9569222226845277>. E-mail: eliemilydasilva@gmail.com.

ⁱⁱ Doutor em Letras e Professor de Literatura da Universidade Federal da Paraíba (UFPB). Currículo Lattes: <https://lattes.cnpq.br/7615268087421599>. E-mail: hermanorgs@gmail.com.



1 INTRODUÇÃO

Os animais são definidos pela biologia como seres vivos pertencentes ao Reino *Animalia*. Esse fato científico parte de uma necessidade humana de sistematização. Mas como os animais eram considerados antes desse processo?

Ao se lançar um olhar sobre aquelas que são consideradas as manifestações artísticas mais antigas da humanidade, as pinturas rupestres, pode-se identificar a permanente presença dos animais. Contudo, cabe a indagação: a presença de quais animais? Sabe-se que o ser humano (*Homo sapiens*) também integra o reino animal, embora apresente distinções biológicas e cognitivas fundamentais em relação a outros filos. Destarte, para além das figuras antropomórficas, a arte pré-histórica exibía um verdadeiro bestiário, no qual se destacavam cavalos, javalis, bisões etc.

Essa inclinação evidencia, sobremaneira, a mimesis aristotélica, a qual não funciona como descrição passiva das coisas, tal como postulou Platão (2004) no contexto do livro *X d'A República*, mas a representação da realidade a partir da possibilidade da sua recriação sob uma nova dimensão, intrinsecamente ligada à experiência humana desde os primórdios da existência. Com a invenção da escrita, essa capacidade de transposição migrou para a literatura. Nesse cenário, os animais passaram a ocupar espaços simbólicos diferenciados, assumindo papéis mágicos, míticos e, sobretudo, educativos.

Embora os animais ocupem um lugar central no imaginário literário, nota-se ainda uma carência de investigações que verticalizem sua presença sob perspectivas teórico-metodológicas. Diante disso, este trabalho propõe analisar as interseções entre literatura e animalidade, tomando como objeto de estudo a obra *A Teia de Charlotte*, de E. B. White (1899-1985), escritor americano, reconhecido pela sua contribuição à literatura infantil. O autor, em uma carta escrita em 1971, destacou:

Só quero acrescentar que não há simbolismo em *A Teia de Charlotte*. E não há significado político na história. É um relato direto do porão do celeiro, que eu amo profundamente, tendo passado tantas horas agradáveis lá, inverno e verão, primavera e outono, bons e maus momentos, com gansos tagarelas, a passagem de andorinhas, a proximidade de ratos e a mesmice das ovelhas (Keller, 2025).¹

¹ Tradução nossa do original em inglês “I just want to add that there is no symbolism in *Charlotte’s Web*. And there is no political meaning in the story. It is a straight report from the barn cellar, which I dearly love, having spent so many fine hours there, winter and summer, spring and fall, good times and bad times, with garrulous geese, the passage of swallows, the nearness of rats, and the sameness of sheep”.

No próprio título da obra, vê-se o lugar de protagonismo que é dado aos animais, sendo estes, inclusive, os não “convencionais” na tradição literária. A história em primeiro plano não é de uma lebre e uma tartaruga, de um lobo e um cordeiro, nem de um leão e um rato, como nas Fábulas de Esopo (620 a.C. - 564 a.C.), mas sim de um porco e uma aranha. A narrativa acompanha a vida de Wilbur, um porco que, desde o nascimento, tivera sua vida ameaçada por ser considerado pequeno demais, se comparado aos demais da sua espécie.

Adotado por Fern, filha do sr. Arable, fazendeiro a quem “pertencia”, Wilbur cresceu com mimos e carinho, até que foi vendido e passou a viver em um celeiro junto aos seus. Lá, busca amizades e se frustra, até conhecer a aranha Charlotte e cria com esta um forte vínculo, que perdurará, vale ressaltar, por gerações. Diante do iminente perigo de morte de Wilbur, Charlotte desenvolve uma estratégia para o tornar valoroso ao ponto de não ser escolhido como a refeição do Natal, que consiste em tecer adjetivos que denotam a virtude do porquinho perante seus donos, e é justamente da resolução do clímax que parte o nome do romance: *A Teia de Charlotte*.

2 A LINEARIDADE HUMANO-ANIMAL

Conforme Maciel (2011 *apud* Guida, 2012, p. 2), os Estudos Animais encontram-se inseridos em meio à intersecção das ciências humanas e biológicas, diante de dois eixos: “o que concerne ao animal propriamente dito e à chamada animalidade e o que se volta para as complexas e controversas relações entre homens e animais não humanos”. Em *A Teia de Charlotte*, observa-se um contexto para explorar ambos; deter-se-á a seguir, contudo, à presença do segundo na obra.

Convém, desse modo, ressaltar que o termo “animalidade” não é somente atribuído às características dos animais tidos como “irracionais”, mas também à parte instintiva do homem, que se pode associar às pulsões de autoconservação (ou do eu), presentes entre a dimensão anímica e somática, de acordo com os estudos do fundador do método psicanalítico, Sigmund Freud (1856-1939). Destaca-se, desse modo, a linearidade na relação humano-animal.

Na literatura bíblica, numa esteira ilustrativa, a primeira relação humano-animal é descrita da seguinte maneira: “E disse Deus: Façamos o homem à nossa imagem, conforme à nossa semelhança; e domine sobre os peixes do mar, e sobre as aves dos céus, e sobre o gado, e sobre toda a terra, e sobre todo o réptil que se move sobre a terra” (Gn. 1:26). Ou seja, como uma evidente relação de dominação do homem. Por outro lado, em outra passagem, como uma

relação de dependência do animal: “Havendo, pois, o Senhor Deus formado da terra todo o animal do campo, e toda a ave dos céus, os trouxe a Adão, para este ver como lhes chamaria; e tudo o que Adão chamou a toda a alma vivente, isso foi o seu nome” (Gn. 2:19).

Há também passagens que descrevem a distinção entre a sensibilidade dos animais e a dos homens às manifestações divinas, e entre o modo como um trata o outro, como no célebre episódio envolvendo o profeta Balaão, o qual estava a caminho de encontrar com o rei de Moabe para amaldiçoar o povo de Israel, contrariando a vontade de Deus. Um anjo é encaminhado para adverti-lo, parando e desembainhando sua espada em frente à jumenta, que, diferente de Balaão, conseguia ver o mensageiro. Por três vezes, três vezes, a jumenta para diante do anjo, de modo a tentar salvar o profeta, e por três vezes ele a espancou com um cajado. Até que “[...] o Senhor abriu a boca da jumenta, a qual disse a Balaão: Que te fiz eu, que me espancastes estas três vezes?” (Nm. 22:28). Permitindo-se ser visto pelo profeta, o anjo informa-o que a jumenta salvou a sua vida:

Então o Senhor abriu os olhos a Balaão, e ele viu o anjo do Senhor, que estava no caminho e a sua espada desembainhada na mão; pelo que inclinou a cabeça, e prostrou-se sobre a sua face. Então o anjo do Senhor lhe disse: Por que já três vezes espancaste a tua jumenta? Eis que eu saí para ser teu adversário, porquanto o teu caminho é perverso diante de mim; Porém a jumenta me viu, e já três vezes se desviou de diante de mim; se ela não se desviasse de diante de mim, na verdade que eu agora te haveria matado, e a ela deixaria com vida (Nm. 22:31-33).

Mas, ao longo da narrativa bíblica, vê-se também a dependência do homem ao animal, uma vez que, no Velho Testamento, por exemplo, eram necessárias mortes de animais para redimir os pecados do povo (Lv. 5:6). Sobretudo, a importância dos animais é enfatizada quando, no Novo Testamento, Jesus compara os homens aos animais em suas parábolas, como a da Ovelha Perdida (Lc. 15:3-7; Mt. 18:12-14) e a do Bom Pastor (Jo. 10:1-21). O exposto é reforçado pela seguinte afirmação:

Posto em palavras simples, é porque os animais - embora nem todos, e nem todos igualmente - são essenciais para as sociedades humanas. Os mundos humanos são construídos com vidas e mortes de animais, tanto conceitualmente quanto fisicamente. É difícil imaginar como poderíamos nos definir como humanos sem outros animais, pois só nos tornamos humanos ao lado de outros animais. Mas isso é, na prática, mais 'entre' do que 'ao lado' - no sentido de humanos e animais vivendo vidas paralelas, mas separadas - pois, desde o início, essas eram vidas que sempre foram e ainda permanecem profundamente entrelaçadas (Marvin; Mchugh, 2013, p. 1).

O entrelaçamento entre o homem e os animais não humanos é inegável, sobretudo quando se reconhece que ambos possuem o instinto como norteador de suas trajetórias. Segundo

Montaigne (2000 *apud* Guida, 2012, p. 4): “Há maior diferença entre um homem e outro do que entre um dado animal e o homem”.

Ademais, percebe-se que, ao longo da tradição civilizacional, os animais foram perdendo espaço, o que se acentua na contemporaneidade, marcada pelo “progresso” industrial e tecnológico. Berger (1980 *apud* Ferreira, 2011, p. 1), destaca que o processo de capitalismo em si trouxe à tona o rompimento da tradição das relações entre o homem e a natureza. O termo “natureza” possui valor significativo, uma vez que se remete à própria gênese do homem. Ou seja, distanciar-se da natureza, e consequentemente dos animais, é como afastar-se de sua própria condição primária. Para Oliveira (2018, p. 4) “É diante do animal, portanto, de sua exposição radical ao mundo, que o homem observa a si mesmo e restitui-se a animalidade esquecida, abrindo-se para a pergunta sobre o Ser que nele reside”. Cabe, então, o questionamento: Até onde a condição tida como “civilizada” beneficia a espécie humana? Um fator relevante menciona Harari (2015 *apud* Silva, 2020, p. 11):

O Homo sapiens também pertence a uma família. Esse fato banal costumava ser um dos segredos mais bem guardados da história. Durante muito tempo, o Homo sapiens preferiu conceber a si mesmo como separado dos animais, um órfão destituído de família, carente de primos ou irmãos e, o que é mais importante, sem pai nem mãe.

Uma representação da linearidade humano-animal é a utilização de seres híbridos na própria literatura, em especial na mitologia grega, como o centauro, metade homem e metade cavalo, e o sátiro, metade homem e metade bode. O clássico conto de fadas francês “La Belle et la Bête”, traduzido como “A Bela e a Fera” - originalmente foi escrito por Gabrielle-Suzanne Barbot de Villeneuve (1695-1755), apesar de as adaptações da obra serem mais conhecidas -, também apresenta tal linearidade, uma vez que destaca um homem da realeza (um príncipe) que foi transformado em fera.

3 A TEIA CIVILIZACIONAL

O livro *O Mal-estar na Civilização* foi escrito pelo neurologista e psicanalista Sigmund Freud (1856-1939) e publicado em 1930. A obra percorre por reflexões acerca da necessidade do sujeito em participar da civilização, as consequências deste empreendimento, psiquicamente, para ele e o mal-estar resultante disso. De acordo com o autor, o homem tende à agressividade, o que torna a cultura um meio de restringi-la, bem como os seus impactos. Inicialmente, parte de uma análise do que chama de “sentimento oceânico”, que seria “um sentimento de



vinculação indissolúvel, de comunhão com todo o mundo exterior” (Freud, 2010, p. 11), vivenciado pelas pessoas religiosas. Conclui que os homens necessitam uns dos outros para a sobrevivência, mas que, instintivamente, apesar das normas que a religião condiciona, os seus desejos poderiam levá-los à ruína, ou (por que não?) à própria extinção.

Apesar de a civilização se mostrar indispensável à própria subsistência humana, provoca psiquicamente muitas contradições ao princípio do prazer. Para o mestre, “designa a inteira soma das realizações e instituições que afastam a nossa vida daquela de nossos antepassados animais, e que serve para dois fins: a proteção do homem contra a natureza e a regulamentação dos vínculos dos homens entre si” (Freud, 2010, p. 3). Nesse contexto, surge a inalcançabilidade da felicidade seguindo a lógica: o homem tem como objetivo de vida a felicidade, que se encontra na ausência de desprazer e na preponderância de prazer; a cultura restringe as realizações instintivamente sexuais e agressivas do homem; o sofrimento passa a ser mais comum do que a felicidade, e o homem busca um equilíbrio, afastando o sofrimento por meio da liquidação dos instintos. Em suma, aí apresenta-se o mal-estar na civilização. Nas palavras de Freud: “O homem civilizado trocou um tanto de felicidade por um tanto de segurança” (Freud, 2010, p. 52).

Tendo em vista que tanto a felicidade quanto a segurança são precárias no processo civilizatório, o sofrimento é inseparável deste. A respeito disso, o pai da psicanálise destaca que o sofrer afeta o homem em três aspectos: o corpo, com sua fragilidade inerente, provoca dor e medo; o mundo externo, fatores que se sobressaem e não podem ser controlados; e as relações com os outros, pela falta de regulamentação dos vínculos, tido como a experiência mais dolorosa.

Diante disso, utilizar-se-ão as reflexões de Freud, contidas em *O Mal-estar na Civilização*, articulando-as à leitura de *A Teia de Charlotte* para enfatizar a animalidade constituinte no animal não humano e no homem que os torna semelhantes.

4 O DILEMA DA TRANSANIMALIDADE

Consoante o filósofo alemão Hans Jonas (2001 *apud* Oliveira, 2018, p. 15), “o homem é marcado por uma existência ‘transanimal’”. Para ele, o termo designa o vínculo do homem com o mundo, quanto animal, de maneira distinta, estando esse para além do animal.

Nas obras literárias, evidencia-se esse “para além do animal” quando, perante as metáforas animais, “toma os animais de empréstimo, em geral, para explicar as pessoas” (Ferreira, 2011, p. 8-9).

Sob esse viés, em *A Teia de Charlotte*, o leitor se depara com um protagonista animal que, desde as primeiras linhas, está ameaçado de morte: Wilbur. Por ser associado a um estereótipo anormal para a sua espécie, foi deduzido que não teria futuro, ou melhor, não daria lucro para seus donos. Apesar de ser uma obra voltada ao público infantil, o protagonista lida, desde o início da narrativa, com a possibilidade da morte, e sua trajetória resume-se em uma luta pela vida, pela sobrevivência. Sobre esta, Jonas (2001, p. 13) afirma: “a sobrevivência passa a ser uma questão de comportamento em determinadas ações, em vez de ser garantida por um funcionamento orgânico bem adaptado”.

Wilbur era um porco primavera, ou seja, nasceu na primavera, a estação da fertilidade e da esperança, atributos que permanecem intrínsecos durante toda narrativa, em contraste com a amena possibilidade de morte.

A princípio, foi adotado por Fern e permaneceu sob seus cuidados até ser levado ao seu novo lar, o celeiro do sr. Zuckerman. Desde então, Wilbur passa a demonstrar sintomas de melancolia: “Tenho menos de dois meses e estou cansado de viver — disse ele” (White, 2023, p. 16). Segundo Freud, em seu texto “Luto e Melancolia” (1917), a afecção melancólica seria a reação psíquica natural à perda de um objeto amado (pessoa, pátria ou ideal), caracterizada por um profundo desânimo e a perda de interesse pelo mundo externo. De fato, Wilbur, em pouco tempo de vida, precisou lidar com a perda do seu primeiro lar, seu primeiro sentimento civilizatório, constituído em sua relação de dependência com Fern, e, sobretudo, sua liberdade - “Quando estou aqui fora — disse —, não há para onde ir que não seja o lado de dentro. Quando estou do lado de dentro, não há para onde ir que não seja o quintal” (White, 2023, p. 16). Para a lógica freudiana (2010):

A liberdade individual não é um bem cultural. Ela era maior antes de qualquer civilização, mas geralmente era sem valor, porque o indivíduo mal tinha condição de defendê-la. Graças à evolução cultural ela experimenta restrições, e a justiça pede que ninguém escape a elas (Freud, 2010, p. 38).

À vista disso, ele tenta fugir do celeiro, mas, apesar de ter chegado longe em sua tentativa, o plano não teve êxito. Sr. Zuckerman aproximou-se de Wilbur com um balde cheio de comida, e o porquinho não resistiu, caindo, assim, no truque que o levou novamente a ter sua liberdade privada. “Vai sentir falta da liberdade — grasnou a gansa. — Uma hora de

liberdade vale mais que um barril de comida” (White, 2023, p. 22). Para Jonas (2001, p. 13), “Se o mundo contém o que o animal precisa, para alcançá-lo ele deve lançar-se em uma arriscada aventura, seja para fugir daquilo que o ameaça, seja para procurar o que ele deseja”. Contudo, o que é vivenciado por Wilbur, nessa cena, representa o alicerce da civilização: troca da satisfação pessoal por algo que o outro tem a oferecer.

“Wilbur não queria comida, ele queria amor. Ele queria um amigo — alguém que brincasse com ele” (White, 2023, p. 24). O homem precisa da civilização não apenas para suprir suas necessidades físicas, mas também psíquicas. De acordo com Freud, esse encontra-se “no desamparo e na dependência dos outros” (2010, p. 60), o que gera nele o “medo da perda do amor”. O protagonista ansiava por uma relação afetiva, mas não a encontrou na gansa, na ovelha, e nem no rato. Até que, após um amanhecer, conheceu Charlotte A. Cavatica, uma aranha que se disponibilizou a ser sua amiga. Apesar das evidentes distinções entre estes personagens - “Charlotte é feroz, brutal, intrigante, sedenta de sangue, tudo o que eu não gosto. Como posso aprender a gostar dela, mesmo sendo bonita e, claro, esperta?” (White, 2023, p. 36) - ambos desenvolveram uma amizade construtiva e que passa a ser primordial para a continuação da vida de Wilbur.

Após ser informado que seria abatido, Wilbur entristeceu-se, e Charlotte prometeu salvar-lhe a vida. Passa, então, a usar as suas teias para conceder honra ao amigo diante dos olhares humanos, o que funcionou precisamente: “Sabe — disse ele [sr. Zuckerman], numa voz cheia de importância — Eu sempre achei, desde o começo, que esse porco era um porco daqueles. Um porco para lá de bom. Esse porco é dos melhores” (White, 2023, p. 71). As palavras escritas na teia de Charlotte mudaram a concepção das pessoas sobre o porco, incluindo a decisão de matá-lo, como a aranha disse: “As pessoas acreditam em quase tudo o que está escrito” (White, 2023, p. 78).

Para Bakhtin (1997, p. 378), o homem toma consciência de si mesmo por meio do outro, de quem recebe a palavra, a forma e o tom que servem para formatar a representação que tem de si. Esse pressuposto é visto na obra a partir do seguinte trecho: “Quando a teia de Charlotte disse ‘belo porco’, Wilbur se esforçou muito para ser um ‘belo porco’. Quando a teia de Charlotte disse ‘incrível’, Wilbur tentou parecer incrível. E agora que a teia dizia ‘radiante’, ele fazia todo o possível para brilhar” (White, 2023, p. 98). Assim, o olhar do outro constitui o sujeito civilizatório, o que o faz viver em uma constante busca por aceitação.

Após a fama do pequenino, cujos atributos surgiam escritos em teias, espalhar-se, o sr. Zuckerman decidiu levá-lo à feira do Condado para participar de um concurso de porcos, o que

pareceu a oportunidade perfeita de Wilbur mostrar seu valor e não ser morto. Antes de ser levado à feira, a sra. Zuckerman decidiu banhá-lo com leite para o deixar belo para a sua apresentação no concurso. Conforme o pai da psicanálise, a beleza, limpeza e ordem são exigências culturais. Destarte, tais traços não poderiam faltar em Wilbur, o “famoso porco de Zuckerman”.

Wilbur não ganhou o concurso, mas recebeu uma medalha especial e muita honra na feira, o que o tornou ainda mais estimado pelos donos. “Um grande sentimento de felicidade tomou conta dos Zuckerman e dos Arable. Este foi o momento mais importante da vida do sr. Zuckerman. É profundamente gratificante ganhar um prêmio na frente de muitas pessoas” (White, 2023, p. 137).

A honra recebida por Wilbur se deu pelos atributos escritos na teia de Charlotte, que precedeu sua fama, e pela sua aparência: “Olhem só para ele, senhoras e senhores! Notem a maciez e a brancura da pele, observem o pelo sem manchas, o brilho rosado e saudável das orelhas e do focinho” (White, 2023, p. 135). Bem como Freud afirmou: “A fruição da beleza tem uma qualidade sensorial peculiar, suavemente inebriante. Não há utilidade evidente na beleza, nem se nota uma clara necessidade cultural para ela; no entanto, a civilização não poderia dispensá-la” (Freud, 2010, p. 27).

No fim da narrativa, Charlotte morre, deixando uma grande saudade em Wilbur, além de um saco de ovos sob seus cuidados. Ele cuidou das pequenas aranhas até que nascessem, na primavera, e quando isso ocorreu ele teve novas amigas.

Com o passar do tempo, e os meses e anos indo e vindo, ele nunca ficava sem amigos. [...] os filhotes, netos e bisnetos de Charlotte, ano após ano, iam morando no batente. A cada primavera nasciam novas pequenas aranhas para ocupar o lugar das antigas. A maioria partia em balões. Mas sempre ficavam duas ou três que armavam as teias no batente (White, 2023, p. 155).

A amizade do porco e da aranha ultrapassou gerações. Wilbur não vivenciou mais a solidão, e pôde desfrutar do sentimento de pertencimento e elo civilizacional. Como disse o protagonista: “A vida é sempre um momento completo e estável quando se espera que algo aconteça ou ecloda” (White, 2023, p. 150).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Wilbur é a representação da própria humanidade em seus desejos, em seus aprisionamentos e em suas melancolias. Não à toa, ele é um porco, com sua significação ambígua, com uma dualidade obscura e próspera, uma vez que o homem também é contraditório em sua natureza, como se vê nas duas principais pulsões que o conduz (Eros e Tânatos).

A respeito das metáforas animais na literatura, Ferreira (2011, p. 12) destaca: "operam o aprisionamento simbólico de outras criaturas como homens, o que contribui para que desapareçam enquanto elas mesmas, cada vez mais, na percepção e na consciência dos leitores e da humanidade que elas representam". Na obra de White, contempla-se a humanidade e os resultados da civilização desta por meio dos personagens animais, o que se pôde analisar por meio da associação com as considerações de Freud, em seu texto de 1930. Compreende-se que, em *A Teia de Charlotte*, há muito a se explorar, assim sendo, este trabalho não contém toda a dimensão analítica possível, o que abre margens para outras contribuições.

REFERÊNCIAS

ARISTÓTELES. *Poética*. Tradução de Baby Abrão. São Paulo: Nova Cultural, 2000. (Col. Os pensadores).

BÍBLIA. *A Bíblia Sagrada, contendo o Velho e o Novo Testamento*: com referências. Tradução João Ferreira de Almeida: revista e corrigida. Várzea Paulista – SP: Casa Publicadora Paulista, 2015.

BAKHTIN, M. M. *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Ermantina Galvão G. Pereira. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

FERREIRA, E. Metáfora animal: a representação do outro na literatura. *Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea*, [S. l.], n. 26, p. 119–135, 2011. Disponível em: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9082>. Acesso em: 20 jun. 2025.

FREUD, S. Luto e Melancolia. In: *Obras completas Volume 12: Introdução ao narcisismo, ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

FREUD, S. O mal-estar na civilização. In: *Obras completas Volume 18: O mal-estar na civilização, novas conferências introdutórias à psicanálise e outros textos (1930-1936)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

GUIDA, A. M. Literatura e estudos animais. *Raído*, [S. l.], v. 5, n. 10, p. 287–296, 2012. Disponível em: <https://ojs.ufgd.edu.br/Raido/article/view/1342>. Acesso em: 21 ago. 2025.



KELLER, K. *He Loved the World: A Short Biography of E.B. White*, Story Warren. 2025. Disponível em: <https://storywarren.com/he-loved-the-world-a-short-biography-of-e-b-white/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

OLIVEIRA, J. R. De. A abertura: humano, animal e animalidade na filosofia de Hans Jonas. *Revista Direito e Práxis*, v. 9, n. 4, p. 2382–2401, out. 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2179-8966/2018/37931>. Acesso em: 24. jun. 2025.

PLATÃO. *A República*. Tradução de Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004. (Col. Os pensadores).

SILVA, A. C. T. P. da. Os animais na literatura brasileira: do imperialismo ecológico ao animal como sujeito. Curitiba: UFPR, 2020. Disponível em: <https://hdl.handle.net/1884/69723>. Acesso em: 20 jun. 2025.

WHITE, E. B. *A teia de Charlotte*. Tradução de Jim Anotsu. 1. ed. Rio de Janeiro: HarperKids, 2023. [Ilustrações de Garth Williams].

